



Revista Educação e Linguagens

Revista dos cursos de Pedagogia e de Letras da Universidade Estadual do Paraná
Unespar / Campus de Campo Mourão

Vol.16, e162601, 2026

Submetido em: 25/08/2025

Aceito em: 31/12/2025

Publicado em: 30/01/2026

Entrevista com Erika Parlato-Oliveira: escutando os bebês na poética do começo

Interview with Erika Parlato-Oliveira: listening to babies in the poetics of beginnings

Entrevista a Erika Parlato-Oliveira: escuchando a los bebés en la poética del comienzo

Entrevista conduzida por:

 Cleide Vitor Mussini Batista¹



Resumo: A presente entrevista tem como objetivo apresentar e discutir os principais eixos da produção teórica e clínica de Erika Parlato-Oliveira, com ênfase nos saberes do bebê e na concepção de linguagem como fenômeno multimodal e relacional. A partir de um percurso que articula pesquisa científica, clínica psicanalítica, educação e práticas transdisciplinares, a entrevistada problematiza abordagens normativas do desenvolvimento infantil, especialmente aquelas centradas exclusivamente em marcos motores e linguísticos. Aqui, adotou-se o método da entrevista semiestruturada, permitindo aprofundar a exploração de conceitos, experiências e deslocamentos teóricos construídos ao longo da trajetória de Parlato-Oliveira. Entre os principais resultados, destaca-se a defesa do bebê como sujeito ativo, produtor de saberes e participante intencional das relações desde os primeiros momentos de vida, bem como a importância de uma escuta ética que reconheça gestos, olhares, silêncios e expressões corporais como formas legítimas de linguagem. A entrevista também aborda a noção de sofrimento psíquico do bebê, afastando-se de leituras patologizantes e de discursos baseados em risco. Além disso, enfatiza a relevância da formação de profissionais capazes de sustentar a singularidade de cada bebê nos contextos da clínica, da saúde e da educação. Conclui-se que escutar os bebês implica em repensar práticas, teorias e posições adultocêntricas, abrindo espaço para uma concepção de infância marcada pela potência, pela diferença e pela invenção.

Palavras-chave: bebê; linguagem multimodal; saberes do bebê; escuta.

Abstract: This interview aims to present and discuss the main theoretical and clinical contributions of Erika Parlato-Oliveira, with emphasis on infant knowledge and the conception of language as a multimodal and relational phenomenon. Drawing on a trajectory that integrates scientific research, psychoanalytic clinical practice, education, and transdisciplinary approaches, the interviewee questions normative perspectives on child development, particularly those focused exclusively on motor and linguistic milestones. The method adopted is a semi-structured interview, allowing an in-depth exploration of concepts, experiences, and theoretical shifts developed throughout her career. The main findings highlight the baby as an active subject, producer of knowledge, and intentional participant in relationships from the very beginning of life, as well as the importance of an ethical listening stance that recognizes gestures, gazes, silences, and bodily expressions as legitimate forms of language. The interview also addresses the notion of infant psychic suffering, moving away from pathologizing frameworks and risk-based discourses, and emphasizes the relevance of professional training capable of sustaining each baby's singularity in clinical, health, and educational contexts.

¹ Pós-Doutorado em Psicologia - Universidade de São Paulo (USP), São Paulo, SP, Brasil e Psicanálise - Universidade Federal da Paraíba (UFPB), João Pessoa, PB, Brasil. Diploma Universitário DU- Le Psychique face a la Naissance pela Université Paris Cité, Paris, França. Professora associada do Departamento de Educação - Universidade Estadual de Londrina (UEL), Londrina, PR, Brasil. E-mail: cler@uel.br



Este é um artigo de acesso aberto distribuído sob a licença CC-BY 4.0, que permite a cópia e redistribuição do material em qualquer formato e para qualquer finalidade, desde que a autoria original e os créditos de publicação sejam mantidos.

It is concluded that listening to babies requires rethinking practices, theories, and adult-centered positions, opening space for an understanding of childhood marked by potential, difference, and invention.

Keywords: baby; multimodal language; infant knowledge; listening.

Resumen: Esta entrevista tiene como objetivo presentar y discutir los principales aportes teóricos y clínicos de Erika Parlato-Oliveira, con énfasis en los saberes del bebé y en la concepción del lenguaje como fenómeno multimodal y relacional. A partir de una trayectoria que articula investigación científica, clínica psicoanalítica, educación y enfoques transdisciplinarios, la entrevistada problematiza las perspectivas normativas del desarrollo infantil, especialmente aquellas centradas exclusivamente en los hitos motores y lingüísticos. El método adoptado es la entrevista semiestructurada, que permite una exploración profunda de conceptos, experiencias y desplazamientos teóricos construidos a lo largo de su recorrido. Entre los principales resultados se destaca la concepción del bebé como sujeto activo, productor de saberes y participante intencional de las relaciones desde los primeros momentos de vida, así como la importancia de una escucha ética que reconozca gestos, miradas, silencios y expresiones corporales como formas legítimas de lenguaje. La entrevista también aborda la noción de sufrimiento psíquico del bebé, alejándose de lecturas patologizantes y de discursos basados en el riesgo, y subraya la relevancia de la formación de profesionales capaces de sostener la singularidad de cada bebé en los contextos clínico, sanitario y educativo. Se concluye que escuchar a los bebés implica repensar prácticas, teorías y posiciones adultocéntricas, abriendo espacio para una concepción de la infancia marcada por la potencia, la diferencia y la invención.

Palabras clave: bebé; lenguaje multimodal; saberes del bebé; escucha.

1 Introdução

Há pesquisas que nascem do silêncio. Outras, do sussurro. E existem aquelas que se debruçam sobre os primeiros sons do mundo – antes mesmo das palavras. Neste território delicado e potente, caminha a pesquisadora Erika Parlato-Oliveira, que há décadas se dedica a escutar o que, muitas vezes, passa despercebido: os gestos, os olhares, os balbucios dos bebês, em suas múltiplas formas de linguagem – uma linguagem multimodal.

Entre livros, artigos, capítulos, clínica e encontros com profissionais que se empenham ao trabalho com bebês, a pesquisa de Parlato-Oliveira convida a repensar o que é comunicação, quem fala e quem escuta e a partir de que lugar. Com um olhar profundamente ético e poético, Erika conduz a entrar em contato com o início da vida, pela via da escuta atenta, abrindo espaço para pensar a infância como potência e a linguagem como relação. Mais do que captar “o que o bebê quer dizer”, trata-se de repensar o próprio lugar da linguagem como espaço de relação, acolhimento e reconhecimento da diferença.

O termo “saberes do bebê”, tão presente nos escritos de Parlato-Oliveira, mostra que é o bebê quem sabe, é o bebê quem constrói o seu saber na relação com o outro. É ele interpretando esse outro que interage com ele. Tudo ocorre ao mesmo tempo. Esse saber não é único e nem linear. O bebê interpreta, levanta hipóteses, checa, recebe retorno e reconstrói a sua experiência a cada dia. Não se trata de um saber único, mas de saberes ainda estão longe de serem totalmente desvendados, havendo muito a aprender com eles.

Esse deslocamento de perspectiva é fundamental. Em vez de esperar que o bebê cumpra etapas pré-fixadas, importa perguntar: “o que ele está me falando ao fazer diferente?”. Essa escuta não reduz o bebê a um padrão, mas o reconhece como sujeito ativo e intencional capaz de ensinar a olhar para a infância de outros modos.

Nesta entrevista, Parlato-Oliveira compartilha os caminhos de sua pesquisa, a importância de romper com lógicas adultocêntricas, a importância de reformular leituras normativas da infância e a necessidade de uma escuta que não se apressa em traduzir. Ainda, leva a questionar o que podemos aprender ao nos deixarmos tocar por aquilo que não se encaixa nos moldes tradicionais da comunicação. É um convite a pensar – e sentir – a linguagem como abertura ao outro, como presença e como gesto ético, desde os primeiros instantes da existência.

Figura 1 - Entrevistada Erika Parlato-Oliveira com a entrevistadora Cleide Vitor



Fonte: Elaborada pela autora (2026).

2 Do encantamento ao método: caminho para uma pesquisa com bebês

Entrevistadora: *Bonjour!* Bom dia! Erika, fico muito grata por você ter aceitado participar desta entrevista para falar um pouquinho sobre os saberes do bebê. E, falando desses saberes, gostaria de escutá-la um pouco sobre a origem de onde veio essa motivação toda, esse desejo de estudar e pesquisar sobre o bebê.

Professora Erika Parlato-Oliveira: Bom, eu agradeço a oportunidade de estar aqui falando com você, de você vir aqui, deslocar-se até o BabyLab, em Paris, para podermos conversar. É um prazer te receber aqui. E a pergunta pessoal assim, de cara, então, oficialmente, eu tive um projeto de uma proposta de trabalho no meu segundo ano de faculdade. A minha faculdade não era por semestre, era por unidades curriculares, e uma unidade curricular sobre o desenvolvimento. A proposta era observar o desenvolvimento normal, e eu fiquei com essa faixa etária, talvez tenha sido sorteio... nem me lembro, só sei que, de repente, eu estava estudando o bebê.

Isso me encantou muito, ver o bebê no seu desenvolvimento, antes de pensar em patologias, em psicopatologias. Acho que, quando eu me encanto por algo, eu vou a fundo. Então, o desdobramento desse trabalho de curso, um simples trabalho de uma unidade curricular de uma faculdade, fez com que eu montasse um projeto, criasse uma escala que, no final, foi publicada em 1994, mas isso começou em 1990. E eu fui conversar nas UBSs, que na época não chamava UBS, da cidade onde os meus pais moravam. E eu tive a oportunidade de fazer uma primeira parte prática na UBS da Faculdade de Medicina do ABC. Então, eu fui me encantando, no primeiro ano, eu ficava lá apenas às quartas-feiras, e havia, em média, 18 a 20 bebês por semana.

Era uma experiência incrível ver bebês diferentes, 20 bebês por quarta, 80 no mês, 800 bebês em um ano. Eu acho que ainda hoje é algo que eu destaco muito para quem quer estudar bebê: é ver bebês, o bebê que está na UBS, que está na creche, o bebê sem queixas. Não devemos começar a estudar o bebê por aquele bebê que tem uma queixa. Precisamos afinar o olhar para toda essa potencialidade do bebê. Então, acho que isso me fispou, me encantou.

Talvez de forma menos oficial, eu tenho uma irmã oito anos mais nova. E eu aproveitei muito ao vê-la bebê em casa, porque oito anos é uma diferença relativamente grande. Para mim, foi uma experiência muito legal de ver um bebê, de aprender a passar fralda de pano na época, como é que dobra a fralda para passar. Assim, eu fui muito incluída no cuidado dessa bebê, de forma que me encantou ver a diferença entre o recém-nascido e um bebê de um ano, já falando. Como isso acontece de forma tão rápida! Talvez, lá no fundo, tenha uma pitada do fato de ter acompanhado muito cedo, de perto, um bebê.

De alguma forma, acho que eu transmiti isso, porque meu filho também, na rua, sempre observa: “mãe, olha, aquele bebê!”. Ficamos atentos aos bebês para ver essa potencialidade. Um bebê andando de carrinho, para onde é que ele está olhando? Em que ele está interessado? O que ele está pensando? Que interpretação ele faz daquele movimento que aconteceu na frente dele? Então, acho que teria uma versão oficial, que foi meu segundo ano de faculdade, e uma versão menos oficial, que é ter vivido com uma bebê, e ter visto esse encantamento do bebê pelo mundo.

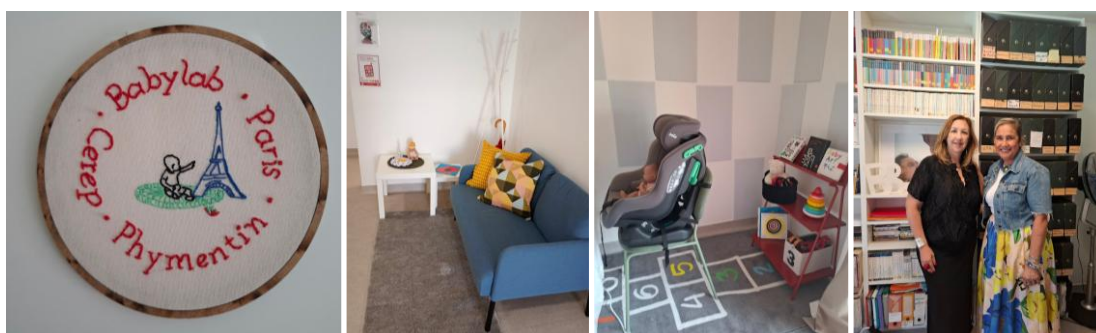
3 Linguagem Multimodal: quando o bebê fala antes das palavras

Professora Erika Parlato-Oliveira: Quando você começou a pergunta, falou de saberes, acho que esse é um termo que me convém muito, porque incomoda. Quando falamos “saberes do bebê”, há um estranhamento: “como assim? O bebê sabe alguma coisa? Então, acho que não é à toa. Há diferença em usar habilidade, competência e saber. O saber é construído. Não é assim: eu fico aqui no mundo e, de repente, eu sei. Você sabe coisas porque você observa, analisa, interpreta continuamente. Não sabemos hoje o mesmo que sabíamos há um mês e nem o que saberemos daqui a um mês. Porém, um mês na vida de um adulto, ou até mesmo um ano, se compararmos julho de 2024 com julho de 2025, o que mudou? O que você sabe? Você aprendeu alguns textos,

você aprendeu algumas coisas. Para um bebê que nasceu em julho de 2024, é enorme a diferença de seus saberes para julho de 2025.

Então, “saber” me encanta, o termo mostra realmente que é o bebê quem sabe, é o bebê que constrói o seu saber. Claro que é a partir da relação com o outro, sempre vai ser. Mas, mesmo na relação com o outro, ele não é submisso. É ele interpretando esse outro que interage com ele. Tudo ocorre ao mesmo tempo. Ele cria hipóteses, verifica no mundo, e vai reconstruindo a cada dia. Então, esse saber do bebê, saberes no plural, pois não é um único saber realmente, ele sabe muitas coisas, ainda não estão totalmente desvendados. Por isso, eu continuo estudando, já descobrimos muita coisa, mas ainda há muito a ser descoberto.

Figura 2 - BabyLab - Cerep - Phymentin - Paris



Fonte: Elaborada pela autora (2026).

Entrevistadora: Você trouxe uma questão muito importante de que há realmente uma diferença, não é? E a gente vê nos documentos pedagógicos do governo e nos planejamentos que ainda estão presos na questão de habilidades e competências. Então, quando você traz os saberes, há uma diferença entre eles.

Professora Erika Parlato-Oliveira: Isso. Não estamos falando da mesma coisa. E o fato de ter diferença entre o que é habilidade, o que é competência, o que é saber, vai mudar o papel do adulto em relação à criança, tanto na família, quanto na saúde, quanto na educação.

Entrevistadora: Ótimo. E eu trouxe uma outra questão. Falo que uma questão leva à outra. A gente observa que, de um modo geral, as pessoas ou estão presas na questão dos marcos do desenvolvimento e patologizando as crianças, como, por exemplo, se você não engatinhou de um jeito, tem tal consequência. Você não falou até um ano, tem outra consequência, e assim por diante. O que você considera acerca disso?

Professora Erika Parlato-Oliveira: Primeiro, acho que tem essa questão do Marco do Desenvolvimento. Isso é algo que, inclusive, nas minhas capacitações aos pediatras, eu comento: eles estão muito bem formados em relação ao crescimento - peso, estatura, perímetro cefálico – e ao desenvolvimento – os marcos neuropsicomotores. Falta uma terceira parte, que é mais recente e menos divulgada nos cursos dos profissionais em torno do bebê, seja na medicina, na psicologia ou na educação: é a questão psíquica. Então, há ali, já no bebê que se senta ou não, um sujeito.

Precisamos destacar mais isso. Talvez, chegaremos a um equilíbrio. Mas, como durante muito tempo, só se pensou em crescimento e desenvolvimento, neste momento, vejo a necessidade de falarmos mais do bebê enquanto um sujeito com um psiquismo em construção.

Precisamos falar mais do aparelho psíquico do bebê, é o que tenho desenvolvido nos meus escritos, a partir dos conceitos da psicanálise e de outras áreas do conhecimento, destacando a singularidade de cada bebê. Assim, mesmo que o bebê ele, como a gente espera, joelhinho e mãozinha no chão, não vai ser igual a outro bebê. Cada um tem o seu ritmo, a sua direção, a sua força muscular, cada um é diferente. Nós todos, adultos, somos diferentes. Não existem no mundo duas pessoas iguais. Como a gente vai esperar o mesmo comportamento do bebê? Realmente, precisamos estar mais atentos ao jeito de cada um e ampliar aquilo que antigamente era considerado esperado. Então, em vez de esperar, não fez, então tem problema, pensamos: o que ele está me falando ao fazer diferente?

Com isso, em vez de ir para a patologização, podemos ver em cada bebê o que ele está falando. Interessante, não é, Cleide? Porque eu uso muito: “esse bebê está falando e ele está falando para mim desde sempre”. Não é a partir do momento que ele usa palavras. Proponho um conceito de linguagem multimodal que permite ver que o bebê fala o tempo todo. Ele fala com os olhos, com o tônus muscular, com a produção sonora, também, mas não apenas. Atualmente, focamos muito na produção de palavras, e esquecemos tudo o que veio antes de produzir uma primeira palavra, lá em torno de 12 meses de idade, o quanto esse bebê já falou conosco. Aqui na França, talvez pela influência da Françoise Dolto, que tinha um programa de rádio, e dizia muito que devia se falar com as crianças, falar com a criança está mais ou menos garantido.

E o que eu tenho batalhado muito aqui, também na França e no Brasil, é que está na hora de escutarmos o bebê. Então, falar com o bebê claro que é importante, mas não podemos apenas falar e não pararmos para escutar o que ele também está nos falando. Tem que ser um diálogo: eu falo e eu também escuto, porque o outro também fala!

Entrevistadora: É ótimo poder escutar dessa forma, porque realmente, em um dos seus livros, acho que *Tramas da linguagem*, você traz uma frase, acho que do Hyppolite Taine, que fala assim: “o bebê tem que aprender a nossa língua. E nós aprendemos a língua dele?”. Então, acho que a sua fala marca bem isso.

Professora Erika Parlato-Oliveira: O quanto o bebê está disponível, ele faz um esforço enorme no período de vida. E nós, quando um bebê chora? Fazemos esse esforço, estamos disponíveis, temos essa abertura para entender o que ele está falando quando ele chora?

Entrevistadora: E falando dos livros? Dentre tantos capítulos, artigos e livros já publicados por você, gostaria que falasse um pouquinho dos *Saberes do Bebê I*?

Professora Erika Parlato-Oliveira: O tempo passa muito rápido, não é? Então, *Os saberes do bebê I* faz parte de uma coleção que eu gosto muito: “Bebê Sapiens”, que eu comecei com Marie-Claire Busnel. Tem um livro do Trevarthen, um livro seu, Cleide. E no 1, eu fiz uma promessa lá no final, que eu não cumpri no livro *Os saberes do bebê II*, porque eu comecei a falar no 1. Prometi

que eu falaria primeiro, apenas sobre o primeiro ano de vida, porque senão a gente fala, fala, fala, fica muito longo, não acaba nunca, não publica nunca. Então, eu falei, por partes.

Então, o primeiro, *Saberes do bebê I*, fala do primeiro ano de vida e sobre a entrada de informação. Como o bebê já é capaz de interpretar e discriminar o que acontece em torno dele. E lá no final, eu deixo a possibilidade de publicar sobre a produção do bebê no *Saberes do bebê II*.

Porém, o tempo passa muito rápido e, nesse intervalo, fui convidada para escrever uma coluna na revista francesa *pirale*. E a minha coluna se chama *Dans la Tête du Bébé*, na “Cabeça do Bebê”, eu adoro esse título! São quatro números da revista por ano, e em cada um, escolho um artigo científico produzido pelo meu grupo de pesquisa ou por outros grupos, por colegas. Então, eu relato uma experiência, um resultado e faço a ponte com a prática. Qual seria o efeito desse resultado? Se agora a gente sabe que o bebê sabe isso, qual será o efeito na minha prática, seja na clínica, na educação, na saúde.

Também, ainda abordei muito sobre percepção, interpretação, e eu considere que não teria por que não aproveitar e apresentar também para o público brasileiro o que tenho publicado na França nesses últimos dois anos. Então, o *Saberes dos Bebês II* nasce de uma readaptação dessa minha coluna em formato de livro para o público brasileiro. E ainda está na minha cabeça, na gaveta, nos arquivos do computador, os *Saberes do Bebê* do ponto de vista da produção. Em breve...

Entrevistadora: Em breve?

Professora Erika Parlato-Oliveira: Porque é isso, a gente vai o tempo todo estudando, aprendendo com o bebê, aprendendo com as pesquisas científicas. Então, é um movimento contínuo. Não tem pausa.

Entrevistadora: No seu livro *Tramas*, você traz lá, no último capítulo, algo do sofrimento psíquico do bebê, que é um outro olhar. E no *Fundamentos*, você fala sobre a questão do psiquismo, pensando de um outro lugar, do lado do bebê, nessa trança a partir do bebê. Eu queria que falasse sobre isso. Dei um salto de um para o outro, não é?

4 Psiquismo em construção: a trança entre real, imaginário e simbólico

Professora Erika Parlato-Oliveira: Isso. Vou pegar primeiro pelo livro *Fundamentos*, para pensar depois o sofrimento, da ordem do que destoa. Então, no *Fundamentos*, faço uma proposta bastante ousada, mas não estou sozinha, pois tenho discutido com outros colegas psicanalistas, que, desde o início, já há algo do próprio bebê que faz com que ele inicie a sua própria constituição psíquica. Claro que ele está no mundo, onde tem pessoas, tem um cuidador principal, mas o bebê mesmo já tem, desde o útero, experiências que o favorecem a criar.

Estou pensando pois você falou da trança, o contexto é que é possível, via Lacan, pensarmos em três registros que se entrelaçam e formam um nó: o real, o imaginário e o simbólico. Mas se desataremos esse nó, teremos três fios. Então, um fio para o real, um fio para o imaginário, um fio para o simbólico, que podem se entrelaçar, formar uma trança. Ora é o real que prepondera,

ora é o imaginário, ora é o simbólico. Trabalhar com a trança me possibilita vislumbrar muito mais um psiquismo em construção, em transformação contínua até o final da vida.

Com isso, ressignificamos a vida toda. Não há uma constituição que se acaba lá na primeira infância e, depois, continuamos em movimento, em construção, em transformação até o final. E o que eu proponho no *Fundamentos*, a partir de experiências, tanto da ciência quanto da clínica, é o bebê também já com condições de ter um registro imaginário, um registro simbólico que ele vai construindo. Claro que não é o imaginário como nós temos na nossa faixa etária, que também não era assim quando tínhamos 10 anos de idade e não vai ser igual quando tivermos 70. É um imaginário que se transforma, mas já tem um início de imaginário e de simbólico, como já também da ordem do real.

Rapidamente, o bebê vai construindo o seu registro real, trançando com o imaginário, com o simbólico. Daqui a pouco, é o real de novo que prepondera. Então, é uma trança contínua em transformação. Nessa proposta topológica que eu faço, para o início desse aparelho psíquico, nós vemos que o próprio bebê tem ali os elementos necessários para se constituir na relação com o outro. É óbvio que tem um outro cuidador. Esse bebê precisa ser alimentado por outro, precisa ser cuidado. Isso não quer dizer que o outro vem emprestar algo para ele. Então, o simbólico, o imaginário não vem de fora para dentro. As experiências deste bebê com o seu mundo, com o seu próprio corpo, favorecem que ele construa esses três registros.

É isso que eu proponho no *Fundamentos*, e então, podemos fazer uma outra leitura deste bebê. E, neste momento, se um bebê tem algo ali que o incomoda, ele pode estar em sofrimento. E é interessante pois o sofrimento da dor física também demorou muito tempo para ser reconhecido no bebê. Eu vejo um paralelo: o quanto temos dificuldade para identificar um sofrimento psíquico já naquele momento.

5 Do risco ao sofrimento psíquico: uma mudança ética de perspectiva

No *Tramas*, no capítulo que você está pensando, falo de sofrimento psíquico como opção ao que antes eu mesma tinha escrito: a ideia de um bebê em risco de alguma coisa. E hoje, não uso mais esse termo por vários motivos, mas alguns argumentos são que, sempre que falamos em risco, referimo-nos a algo ruim. A própria palavra “risco” traz algo negativo. Esse é um risco, não dá certo. Não há uma certeza: pode ou não acontecer. Se pode ou não acontecer, em termos de saúde pública, é muito difícil, não é? Pensar em financiamento para lidar com algo que é da ordem da incerteza. Por que eu vou investir dinheiro em algo que pode ou não acontecer? Há tanta demanda, que você vai priorizar aquilo que é certo, que é necessário. Então, não nos favorece do ponto de vista de saúde pública. Também não nos favorece do ponto de vista do que é bom ou ruim, porque não sou eu quem tem que dizer o que é bom ou ruim.

Então, eu trabalho, leio, também autistas, adultos. E acho que, do ponto de vista ético, hoje não é mais possível dizer que ser autista é um problema. Lá na frente, a hora que você compartilha,

inclusive, com colegas autistas que fazem pesquisa sobre autismo, sobre outras coisas. Dizer que um bebê tem risco de ser autista, eu estaria dizendo que pode ser algo ruim. Isso eu não estou de acordo. Eticamente, temos uma questão. Logo, a hora que eu deixo de usar esses termos, então sinal de risco de autismo, sinal de risco de alguma outra condição, posso mudar a temporalidade. Não penso mais que vamos identificar agora algo que talvez possa acontecer no futuro. Vamos reconhecer o que está acontecendo agora.

Agora, o que eu tenho? Um bebê em sofrimento psíquico que está me falando com o seu corpo, dormindo, não dormindo, comendo, não comendo, olhando, não olhando. Da forma que ele encontrou, que é totalmente singular, que algo ali o incomoda. Ele está pedindo ajuda. Há uma clínica possível, uma clínica psicanalítica do bebê, que vai escutar o bebê. Claro que ele é trazido pelos pais, mas escutaremos este analisante bebê. Os pais vêm junto, eles participam da sessão de forma muito ativa, mas o foco é o bebê.

6 Pesquisa, transmissão e diálogo com o mundo

Entrevistadora: A gente vê que sempre você está produzindo muito. Então, a gente tem o *Jornal do Bebê*, a *Revista do Bebê*. Gostaria que falasse um pouquinho disso.

Professora Erika Parlato-Oliveira: Essa transformação é contínua. Vamos nos transformando. Eu não faço nada sozinha. Então, vocês sabem que existe o Instituto Langage, que me oferece todas as condições de trabalho, de interlocução, o que é muito importante. Tem um grupo de pesquisa que também fomenta essas ideias, além das pessoas com quem eu posso contar para colocá-las em prática. Porque fazer pesquisa é algo que requer muito tempo, muito trabalho.

Mas é verdade que, neste ano, lançamos o *Jornal do Bebê*. Para quem não conhece ainda, junto com esta entrevista, que é um jornal que nasce do interesse, e que você, Cleide, também faz parte, e nasce do interesse de poder levar informação de qualidade para o grande público.

Pensamos isso porque há muitas informações equivocadas sobre o bebê nas redes sociais. Em vez de reclamarmos, decidimos produzir conteúdo de qualidade.

O *Jornal do Bebê* é para o grande público, com questões atuais e de qualidade. Eu gosto muito da ideia. A diagramação é linda, vale a pena vocês olharem, pois ele é muito atual. A ideia é fazer quatro números por ano. Como se já não bastasse, também tem uma outra novidade que acabou de ser lançada agora no Congresso que aconteceu em julho em Paris. É um jornal científico, uma revista científica internacional chamada *Babies* em língua inglesa, com artigos científicos em torno do bebê de forma transdisciplinar e transcultural. Portanto, está de acordo com essa perspectiva do Langage, de ser transdisciplinar, ter esse toque transcultural em torno do bebê, o que considero muito importante.

Tenho alunos aqui no Babylab, em diferentes níveis, desde a iniciação científica até o pós-doutorado, passando pelo mestrado, doutorado, que vêm da França, da Bélgica, da Itália. Estou pensando primeiro aqui na Europa, na África, com o Benin, na América do Sul, é claro, o Brasil,

América Latina, Equador e na Ásia, com a China, tanto em Pequim quanto em Xangai. No grupo de pesquisa, ainda faltam representantes da Oceania para termos membros dos cinco continentes. Porém, isso mostra um pouco como podemos trabalhar de forma transcultural. Trabalho muito bem também com os Pataxós, com Ubiraci Pataxó. Essa diversidade cultural nos permite cada vez mais ver a singularidade de cada bebê.

7 O adulto que escuta e acolhe: formação, creche e responsabilidade ética

Entrevistadora: Falando em singularidade do bebê e pensando em ampliar aos demais colegas das diferentes áreas de saber, o que você pensa da formação? E, mais especificamente, pensando que hoje a entrada do bebê na creche é aos três meses e meio, quatro meses de vida, quem é esse professor, no seu ponto de vista?

Professora Erika Parlato-Oliveira: É uma questão muito pertinente, porque, assim, quantos bebês? Eu não tenho essa informação, talvez vocês possam encontrar esse dado e depois colocar no editorial quantos bebês frequentam creche. A porcentagem de bebês parece ter aumentado cada vez mais, só não é maior porque não tem creche em número suficiente. Muitas famílias não conseguem vaga, mas a tendência hoje são pais e mães trabalharem, e o bebê precisa ir para algum lugar.

Acho que este profissional que acolhe o bebê é de extrema importância, pois está grande parte do tempo com o bebê acordado. A família leva para casa, mas o bebê dorme. E, no dia seguinte, está novamente com o profissional. Então, para mim, este é um profissional importantíssimo, pois compartilha o início da vida, que é tão maravilhoso, com o bebê. A importância que ele tem, o quanto a presença, o jeito, os sonhos dele estão ali naquele momento compartilhado no dia a dia com o bebê.

Primeiro, eu queria destacar essa importância, porque acho que, às vezes, a pessoa não tem essa dimensão. Então, primeiro, são profissionais importantíssimos para a vida desses bebês, para a experiência, para o mundo que esse bebê vai ter em torno dele, que o bebê interpreta o outro. Para favorecer que o bebê tenha toda essa construção de saberes que ele está ávido para fazer ali, acho que tem que ser uma pessoa muito aberta. Aberta ao novo, ao inusitado, à surpresa. Mas o bebê fez isso que eu não esperava. Que bom, e agora? O que faço com isso que ele fez? O adulto já está há anos na frente do bebê, ele estudou, se formou para estar naquele lugar, possui condições de ter flexibilidade. E o bebê trouxe uma questão, um problema novo, é claro que o adulto é o responsável para estar ali e se perguntar: como eu faço desse limão, uma limonada?

O cotidiano não é fácil. Ao mesmo tempo que reconheço e digo que é importantíssimo o papel desse adulto, também é muito difícil, pois a pessoa tem uma carga de trabalho enorme, o salário nem sempre é dos melhores, e a responsabilidade é muito grande. Portanto, não é um mar de rosas, mas é muito prazeroso.

Se você está aberto a ver como o outro está construindo o mundo para si, que você está participando deste início, desta construção do bebê, lógico que precisa da formação, mas o principal é você ter essa abertura de olhar para o bebê e falar: “Vou junto, deixa o bebê me levar, porque eu acho que ele sabe do que precisa neste momento, o que ele está interessado neste momento”. Então, a partir dos indícios que o profissional lê no bebê, ter essa flexibilidade pode fazer o dia, e cada dia, ser prazeroso.

8 O bebê como professor

Entrevistadora: Muito bom escutá-la. Para encerrar a nossa entrevista e poder fechar, queria que você falasse como é, para você, tudo isso, além de também participar de um dossiê *O que o bebê tem a nos ensinar?*

Professora Erika Parlato-Oliveira: Acho maravilhoso ter a oportunidade de estudar o bebê. Considero que era o que eu queria, o que eu tenho feito. Não estudamos só para nós, mas sim para transmitir. Então, para mim, é uma honra ter sido escolhida para ser a pessoa entrevistada do dossiê e fazer justamente isto: transmissão. Espero que as pessoas, com acesso a esse dossiê, se encantem por aquilo que elas não sabem sobre o bebê. E elas possam, então, aprender cada vez mais com eles.

Entrevistadora: Obrigada Erika pela disponibilidade dessa conversa.

Professora Erika Parlato-Oliveira: Eu que agradeço.

9 Considerações finais: onde o começo não termina

Encerrar esta conversa com Erika Parlato-Oliveira é, de certo modo, não encerrar: é deixar aberta uma fresta por onde continuam a soprar as perguntas, as inquietações e os convites que ela nos trouxe. A fala nos lembra que é o bebê quem nos ensina a escutar: em cada gesto, em cada silêncio, em cada invenção. Ele nos convoca a reaprender o mundo, abrindo caminhos onde a vida se reinventa. Parlato-Oliveira convida a olhar para o bebê não como um ser passivo em desenvolvimento, mas como sujeito ativo, que pensa, cria, interpreta e constrói saberes desde o início da vida.

Entre teoria e prática, entre a pesquisa e a vida, a entrevistada mostrou que a clínica, a escola e o social se entrelaçam no desafio de construir e sustentar espaços onde cada bebê possa inscrever sua singularidade, inventar mundos e ser reconhecido em sua potência de existir. Encerramos, portanto, agradecendo a generosidade desta partilha que, mais do que respostas, ofereceu pistas e horizontes. Que possamos seguir alimentando uma escuta capaz de sustentar o inédito e dar lugar ao inesperado, onde cada diferença - sobretudo aquela que o bebê já nos anuncia em seus gestos, silêncios e invenções - floresça como possibilidade.

Referências

BATISTA, Cleide Vitor Mussini. **O bebê e a creche: direitos e proposições**. São Paulo: Instituto Langage, 2024.

COHEN, D. **O bebê e a linguagem: entre corpo, mente e cultura**. São Paulo: Instituto Langage, 2010.

PARLATO-OLIVEIRA, Erika. **Fundamentais para uma clínica psicanalítica do bebê**. São Paulo: Instituto Langage, 2024.

PARLATO-OLIVEIRA, Erika. **O bebê e as tramas da linguagem**. São Paulo: Instituto Langage, 2022.

PARLATO-OLIVEIRA, Erika. **Saberes do Bebê I**. São Paulo: Instituto Langage, 2019.

PARLATO-OLIVEIRA, Erika. **Saberes do Bebê II**. São Paulo: Instituto Langage, 2025.

Conflitos de Interesses:

Conforme a política editorial da revista, a autora declara não haver quaisquer relações pessoais, profissionais, financeiras ou acadêmicas que possam ser interpretadas como influência nos métodos, resultados ou discussões apresentadas neste manuscrito.

Financiamento:

Esta entrevista não recebeu financiamento.

Aprovação ÉTICA:

Não se aplica.

Agradecimentos:

Não se aplica.

Como citar esta entrevista (ABNT):

BATISTA, Cleide Vitor Mussini. Entrevista com Erika Parlato-Oliveira: escutando os bebês na poética do começo. **Revista Educação e Linguagens**, Campo Mourão, v. 16, e162601, p.1-12, jan/dez. 2026. Disponível em: <https://doi.org/10.33871/22386084.2026.16.11092>. Acesso em: [inserir data de acesso].

Editor Responsável:

Deivid Alex dos Santos.